

textos para  
discussão

**gemmaa**

10/

Televisão em Cores?  
Raça e sexo nas telenovelas  
"Globais" (1984-2014)

**Luiz Augusto Campos**

Professor IESP-UERJ

**João Feres Júnior**

Professor IESP-UERJ

## **Expediente**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

## **Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa**

<http://gema.iesp.uerj.br>

[gema@iesp.uerj.br](mailto:gema@iesp.uerj.br)

## **Coordenadores**

João Feres Júnior

Luiz Augusto Campos

## **Pesquisadores Associados**

Marcia Rangel Candido

Veronica Toste Daflon

## **Assistentes de pesquisa**

Gabriella Moratelli

Leandro Guedes

Luna Sassara

Poema Eurístines

## **Capa, layout e diagramação**

Luiz Augusto Campos



# 10/ textos para discussão gema

## Televisão em Cores? Raça e sexo nas telenovelas “Globais” (1984-2014)

**Luiz Augusto Campos**

Professor IESP-UERJ

**João Feres Júnior**

Professor IESP-UERJ

*Desde sua popularização, as novelas da Rede Globo de Televisão tomaram para si a tarefa de representar o Brasil de múltiplas maneiras. Apesar disso, a participação das personagens pretas e pardas nos elencos desses programas sempre esteve aquém do seu peso demográfico no país. Este texto apresenta os dados gerais de um levantamento que buscou medir a representação de atrizes e atores pretos ou pardos na teledramaturgia da emissora. Embora os dados detectem uma tímida tendência à diversificação dos elencos, eles demonstram que os elencos das novelas brasileiras ainda são hegemonicamente brancos.*

Desde a sua popularização na década 1960, a telenovela brasileira se caracterizou por nutrir uma relação estreita com os projetos nacionalistas das elites dirigentes. É verdade que a produção das primeiras novelas de alcance nacional, sobretudo pela Rede Globo de Televisão, dependeu de uma complexa articulação entre grupos artísticos, econômicos e políticos bastante heterogêneos do ponto de vista ideológico. Como é de amplo conhecimento, o suporte dado à emissora pelo Estado ditatorial instaurado em 1964 não impediu que uma parte considerável dos escritores, diretores e atores, quem efetivamente produzia esses programas, tivesse vínculos com movimentos políticos de esquerda, críticos ao regime. Mas apesar desses antagonismos ideológicos, entidades estatais, empresários e artistas convergiam ao menos no caráter nacionalista de seus projetos políticos, o que se refletiu na concepção de teledramaturgia que se tornou hegemônica no país.

Diferentemente do enfoque quase que exclusivo na vida privada dos personagens e em suas tramas afetivas e familiares, que caracteriza as *soap operas* norte-americanas e as telenovelas de países latino-americanos, como México e Colômbia, a telenovela brasileira tornou-se também um instrumento de difusão (e formação) de uma compreensão de identidade nacional, de suas supostas características essenciais, dilemas e desafios.

Um dos elementos centrais na representação de qualquer nação é a representação de seu povo, de suas características físicas, morais e culturais, vide, entre outros exemplos, as feiras mundiais que se tornaram populares nos Estados Unidos e Europa a partir do final do século XIX (Salvatore, 2006). A despeito de pretender oferecer uma representação apolítica do povo brasileiro; uma em que ele pudesse se reconhecer – intenção esta sintetizada por *slogans* como “A Globo é mais Brasil”, “Globo, um caso de amor com o Brasil” ou “Globo, a gente se vê por aqui”<sup>1</sup> – tal representação só pode ser feita por meio de escolhas, filtragens, supressões etc. Durante a Ditadura Militar, o contexto de alta repressão política e ideológica não permitia que tais escolhas de representação da nação por meio do seu povo fossem contestadas, mas a partir do processo de democratização e da reativação dos movimentos sociais, tais práticas começaram a sofrer forte escrutínio crítico.

Este Texto para Discussão apresenta os dados gerais de uma pesquisa sobre a representação dos grupos raciais brasileiros nas telenovelas da Rede Globo de Televisão nos últimos trinta anos (1984-2014). Não obstante o imaginário nacional formado e divulgado pelas novelas ser limitado e excludente em muitas dimensões (regionais, etários, socioeconômicos etc.), nosso texto avalia somente a interação entre gênero e raça na representação das personagens. O estudo que informa a atual análise ainda está em curso. Aqui são apresentados parte dos resultados obtidos até o presente momento. A partir deles, é possível afirmar que as personagens pretas e pardas não apenas correspondem a uma proporção diminuta dos elencos, como também se fazem mais presentes em novelas de tipos específicos. Isso ajuda a entender que a sub-representação dos pretos e pardos nas telenovelas não é apenas expressão de um limite flagrante da concepção de Brasil

---

<sup>1</sup> Uma lista completa dos *slogans* da emissora está disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_slogans\\_da\\_Rede\\_Globo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_slogans_da_Rede_Globo) <Acessado em 20 de outubro de 2015>.

que informa este tipo de produção cultural, mas é também a expressão de uma concepção de nação e de povo cujos contornos políticos precisam ser explicitados e criticados.

## Metodologia

Em comparação às suas congêneres no mundo, a telenovela brasileira se particulariza por duas características: (i) envolve um número extenso de atores e atrizes e (ii) possui uma duração longa, ainda que finita. As telenovelas estadunidenses (*soap operas*), por exemplo, não costumam possuir um prazo determinado para acabar e muitas vezes se estendem por décadas. Não obstante a duração das novelas brasileiras varie, em grande medida por influência de sua audiência, elas costumam durar entre seis e doze meses. Mas ao contrário das *soap operas* estadunidenses, as novelas brasileiras em geral possuem uma trama complexa, dividida em inúmeros núcleos narrativos e, por isso, empregam elencos numerosos, aproximando-se, assim, da teledramaturgia mexicana.

A duração e a complexidade narrativa são dois fatores que dificultam a pesquisa com telenovelas. Os dois fatores criam obstáculos para que se possa acompanhar, do início ao fim, o desenrolar de uma trama, quanto mais de várias novelas ao longo dos anos. Por conta disso, a presente pesquisa se serviu de uma base de dados criada pela própria Rede Globo de Televisão e disponibilizada no portal “Memória Globo” (<http://memoriaglobo.globo.com>), que contém informações técnicas e resumos das tramas de novelas que a emissora levou ao ar. Os dados a seguir foram compilados a partir desse repositório. Embora ele tenha limitações patentes, relacionadas tanto à qualidade desigual dos resumos oferecidos quanto à dificuldade em se resumir narrativas que duram meses, o site compila com rigor ao menos os elementos centrais das narrativas principais dessas novelas.

Em geral, o site divide as narrativas que compuseram cada novela em “trama central” e “tramas paralelas”. Baseada nessa divisão, a pesquisa compilou em outro banco de dados os nomes das personagens e atores/atrizes em todas as tramas centrais. Em alguns casos, mormente nas novelas mais antigas, o número de personagens citados nas tramas centrais era muito pequeno, o que nos levou a complementá-lo com personagens das tramas paralelas. Em média, foram

considerados os trinta personagens centrais de cada novela. Em casos que esse número não pode ser atingido, estipulamos um número mínimo de vinte personagens para análise.

A partir dessa lista, as fotos dos atores e atrizes que interpretaram as personagens centrais<sup>2</sup> de cada telenovela foram classificadas pela equipe de pesquisadores do GEMAA de acordo com as categorias de cor “branco”, “pardo”, “preto” ou “amarelo”,<sup>3</sup> utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como raça é uma construção social que se serve arbitrariamente de marcas corpóreas, toda heteroclassificação de indivíduos com base em sua imagem é sujeita a dissenso. Por isso, optou-se por submeter cada um dos conjuntos de foto à classificação de ao menos dois pesquisadores. Embora tal procedimento não garanta que nossa metodologia espelhe os critérios de classificação racial presentes na população brasileira como um todo, acreditamos que a heteroclassificação em vários estágios permite que nos aproximemos do modo como determinados grupos são investidos de atributos raciais pelos seus parceiros de interação social. Não somos originais na utilização desse método (Muniz, 2012; Silva, 1999; Bastos, Peres, Peres et al., 2008), que apesar de não ser o mais desejável, é muitas vezes o único possível quando o acesso ao objeto da pesquisa, no caso cada ator, é impossível ou impraticável.

Sempre que houve discordância em relação a cor do referido personagem ou um dos pesquisadores manifestou dúvida, o mesmo conjunto de fotos foi submetido à classificação de outros dois pesquisadores. Ainda assim, se alguma dúvida persistisse, optávamos sempre por classificar o ator/atriz nas cores mais escuras que disputavam a dúvida. Esse critério de desempate se justifica diante da orientação normativa desta pesquisa. Ora, se é nossa hipótese de pesquisa era de que pretos e pardos estão em grande medida ausentes da teledramaturgia, é melhor que a classificação da cor dos atores seja “enviesada” no sentido oposto ao da nossa hipótese do que no mesmo sentido dela. Por isso, atores que podem ser

---

<sup>2</sup> Não confundir com personagem principal ou protagonista. Consideramos aqui como “personagem central” aquele presente no resumo das tramas centrais de acordo com o site [memoriaglobo.globo.com](http://memoriaglobo.globo.com).

<sup>3</sup> Diante do fato de que as novelas do período apresentaram um número ínfimo de personagens pertencentes a populações autóctones e, assim, classificáveis como “indígenas”, essa categoria não foi considerada no levantamento.

vistos como “brancos” por uma parcela dos telespectadores, como Marcos Palmeira ou Julyana Paes, por exemplo, foram considerados “pardos”.<sup>4</sup>

Diante da pequena quantidade de pretos e pardos nos elencos, optamos ocasionalmente por dividir os atores em apenas dois grandes grupos, um chamado “branco”, congregando atrizes e atores classificados como “brancos” ou “amarelos”; e outro chamado “não brancos”, que congrega atrizes e atores classificados como “pretos” e “pardos”.

## A cor das personagens

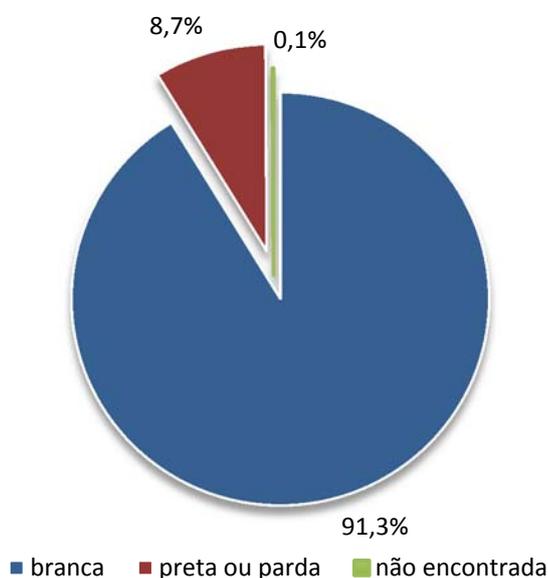
As 162 telenovelas brasileiras que foram ao ar entre 1984 e 2014 possuem, em média, 91,3% dos seus personagens centrais representados por atores e atrizes brancos. Tendo em vista que 47,9% da população brasileira se reconheceu como tal no último censo de 2010, há uma substantiva sobrerrepresentação desse grupo nas telas. De fato, pode-se objetar que há uma diferença metodológica entre nosso levantamento, baseado na hetroclassificação das personagens, e os dados do censo, que empregam a autoclassificação. Contudo, diferentes pesquisas vêm demonstrando que há uma convergência entre as duas metodologias (Muniz, 2012; Silva, 1999; Bastos, Peres, Peres et al., 2008). Mesmo se tal convergência fosse colocada em dúvida, é preciso considerar que a proporção de brancos encontrada por nosso levantamento corresponde ao dobro de sua proporção na população nacional, uma diferença muito acima de qualquer erro estatístico ou imprecisão metodológica. Isso nos permite concluir não apenas que a população preta e parda brasileira se encontra sub-representada nas telenovelas, mas que ela se encontra substantivamente sub-representada, na medida em que corresponde a apenas 8,6% dos atores e atrizes dos elencos<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Por conta desse critério mais amplo, nossos resultados diferem de outros levantamentos, como aquele realizado por Araújo (2000), Grijó e Souza (2012).

<sup>5</sup> Em 0,1% dos casos, não foi possível encontrar fotografias do ator/atriz, o que impediu a classificação.

**Gráfico 1:** Percentual médio de atores e atrizes em cada novela de acordo com sua cor (1984-2014).



Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".

É importante notar, contudo, que há alguma variação na distribuição dos personagens de acordo com sua cor nas novelas analisadas. Como é possível perceber na **Tabela 1**, em um número substantivo de novelas, 100% dos personagens centrais foram classificados como brancos. São elas: *Império*, *Um anjo caiu do céu*, *Guerra dos sexos*, *Champagne*, *Desejos de mulher*, *Elas por elas*, *A gata comeu*, *À sombra dos laranjais*, *A Viagem*, *Agora é que são elas* e *Amor com amor se paga*. Além dessas, um outro conjunto preponderante de novelas apresentou a quase totalidade de seus personagens brancos. Apenas dez novelas apresentaram mais de 20% do seu elenco principal composto por atores e atrizes classificadas como pretos ou pardos: *A lua me disse*, *Cheias de charme*, *Geração brasil*, *Meu pedacinho de chão*, *Aquele beijo*, *Celebridade*, *Salve Jorge*, *Araguaia*, *Cama de gato* e *Da cor do pecado*.

**Tabela 1:** Proporção de personagens centrais por cor em cada novela (1984-2014)

	<b>Ano de início</b>	<b>% de brancos</b>	<b>% de não brancos</b>	<b>Cor não-encontra</b>	<b>No. de personagens</b>
<b>A Gata Comeu</b>	1985	100%			<b>20</b>
<b>A Viagem</b>	1994	100%			<b>20</b>
<b>Agora É Que São Elas</b>	2003	100%			<b>20</b>
<b>Amor Com Amor Se Paga</b>	1984	100%			<b>20</b>
<b>Bambolê</b>	1987	100%			<b>20</b>
<b>Barriga de Aluguel</b>	1990	100%			<b>20</b>
<b>Cabocla - 2ª versão</b>	2004	100%			<b>20</b>
<b>Chocolate com Pimenta</b>	2003	100%			<b>20</b>
<b>Desejos de Mulher</b>	2002	100%			<b>23</b>
<b>Despedida de solteiro</b>	1992	100%			<b>20</b>
<b>Deus nos acuda</b>	1992	100%			<b>20</b>
<b>Direito de Amar</b>	1987	100%			<b>20</b>
<b>Guerra dos Sexos</b>	2012	100%			<b>25</b>
<b>História de Amor</b>	1995	100%			<b>20</b>
<b>Império</b>	2014	100%			<b>39</b>
<b>Lua Cheia de Amor</b>	1990	100%			<b>20</b>
<b>Mico Preto</b>	1990	100%			<b>20</b>
<b>Mulheres de areia</b>	1993	100%			<b>20</b>
<b>O Amor Está no Ar</b>	1997	100%			<b>20</b>
<b>O mapa da mina</b>	1993	100%			<b>20</b>
<b>Quatro por quatro</b>	1994	100%			<b>20</b>
<b>Roda de Fogo</b>	1986	100%			<b>20</b>
<b>Sonho meu</b>	1993	100%			<b>20</b>
<b>Top Model</b>	1989	100%			<b>20</b>
<b>Um Anjo Caiu do Céu</b>	2001	100%			<b>30</b>
<b>Um Sonho a Mais</b>	1985	100%			<b>20</b>
<b>Vale Tudo</b>	1988	100%			<b>20</b>
<b>Boogie Oogie</b>	2014	97%	3%		<b>31</b>
<b>Sangue bom</b>	2013	97%	3%		<b>31</b>
<b>Amor à vida</b>	2013	97%	3%		<b>30</b>
<b>Começar de Novo</b>	2004	97%	3%		<b>30</b>
<b>Eterna Magia</b>	2007	97%	3%		<b>30</b>
<b>O Astro 2ª versão</b>	2011	97%	3%		<b>30</b>
<b>O Beijo do Vampiro</b>	2002	97%	3%		<b>30</b>
<b>Sete Pecados</b>	2007	96%	4%		<b>28</b>
<b>Mandala</b>	1987	96%	4%		<b>27</b>
<b>Escrito nas Estrelas</b>	2010	96%	4%		<b>26</b>
<b>Fera ferida</b>	1993	96%	4%		<b>24</b>
<b>Era Uma Vez...</b>	1998	95%	5%		<b>22</b>
<b>Laços de Família</b>	2000	95%	5%		<b>22</b>
<b>Partido Alto</b>	1984	95%	5%		<b>22</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo" (continuação da tabela).

	<b>Ano de início</b>	<b>% de brancos</b>	<b>% de não brancos</b>	<b>Cor não-encontra</b>	<b>N de personagens</b>
<b>O Rei do Gado</b>	1996	95%	5%		<b>21</b>
<b>Perigosas peruas</b>	1992	95%	5%		<b>21</b>
<b>Por Amor</b>	1997	95%	5%		<b>21</b>
<b>Zazá</b>	1997	95%	5%		<b>21</b>
<b>A Indomada</b>	1997	95%	5%		<b>20</b>
<b>Anjo de Mim</b>	1996	95%	5%		<b>20</b>
<b>Araponga</b>	1990	95%	5%		<b>20</b>
<b>Brega &amp; Chique</b>	1987	95%	5%		<b>20</b>
<b>Cara &amp; Coroa</b>	1995	95%	5%		<b>20</b>
<b>Ciranda de Pedra - 2ª Versão</b>	2008	95%	5%		<b>20</b>
<b>Corpo a Corpo</b>	1984	95%	5%		<b>20</b>
<b>De Quina Pra Lua</b>	1985	95%	5%		<b>20</b>
<b>Explode Coração</b>	1995	95%	5%		<b>20</b>
<b>Fera Radical</b>	1988	95%	5%		<b>20</b>
<b>Gente Fina</b>	1990	95%	5%		<b>20</b>
<b>Meu Bem Querer</b>	1998	95%	5%		<b>20</b>
<b>O Dono do Mundo</b>	1991	95%	5%		<b>20</b>
<b>O Outro</b>	1987	95%	5%		<b>20</b>
<b>O Salvador da Pátria</b>	1989	95%	5%		<b>20</b>
<b>O Sexo dos Anjos</b>	1989	95%	5%		<b>20</b>
<b>Olho no olho</b>	1993	95%	5%		<b>20</b>
<b>Que Rei Sou Eu?</b>	1989	95%	5%		<b>20</b>
<b>Salomé</b>	1991	95%	5%		<b>20</b>
<b>Sassaricando</b>	1987	95%	5%		<b>20</b>
<b>Suave Veneno</b>	1999	95%	5%		<b>20</b>
<b>Ti-Ti-Ti - 1ª Versão</b>	1985	95%	5%		<b>20</b>
<b>Torre de Babel</b>	1998	95%	5%		<b>20</b>
<b>Transas e Caretas</b>	1984	95%	5%		<b>20</b>
<b>Tropicaliente</b>	1994	95%	5%		<b>20</b>
<b>Vereda Tropical</b>	1984	95%	5%		<b>20</b>
<b>Vila Madalena</b>	1999	95%	5%		<b>20</b>
<b>Vira-Lata</b>	1996	95%	5%		<b>20</b>
<b>Cordel Encantado</b>	2011	95%	5%		<b>38</b>
<b>Corpo Dourado</b>	1998	95%	5%		<b>19</b>
<b>Em Família</b>	2014	94%	6%		<b>34</b>
<b>Amor Eterno Amor</b>	2012	94%	6%		<b>32</b>
<b>Flor do Caribe</b>	2013	94%	6%		<b>32</b>
<b>A Próxima Vítima</b>	1995	93%	7%		<b>30</b>
<b>América</b>	2005	93%	7%		<b>30</b>
<b>Esperança</b>	2002	93%	7%		<b>30</b>
<b>Fina Estampa</b>	2011	93%	7%		<b>30</b>
<b>O Profeta</b>	2006	93%	7%		<b>30</b>
<b>Porto dos Milagres</b>	2001	93%	7%		<b>29</b>
<b>A Vida da Gente</b>	2011	92%	8%		<b>26</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo" (continuação da tabela).

	<b>Ano de início</b>	<b>% de brancos</b>	<b>% de não brancos</b>	<b>Cor não-encontra</b>	<b>N de personagens</b>
<b>Negócio da China</b>	2008	92%	8%		<b>50</b>
<b>Senhora do Destino</b>	2004	92%	8%		<b>36</b>
<b>O Cravo e a Rosa</b>	2000	91%	9%		<b>23</b>
<b>Passione</b>	2010	91%	9%		<b>46</b>
<b>Como Uma Onda</b>	2004	91%	9%		<b>22</b>
<b>De corpo e alma</b>	1992	91%	9%		<b>22</b>
<b>Kubanacan</b>	2003	91%	9%		<b>22</b>
<b>Paraíso Tropical</b>	2007	91%	9%		<b>75</b>
<b>Cambalacho</b>	1986	90%	10%		<b>21</b>
<b>Rainha da Sucata</b>	1990	90%	10%		<b>21</b>
<b>Tempos Modernos</b>	2010	90%	10%		<b>73</b>
<b>Beleza Pura</b>	2008	90%	10%		<b>83</b>
<b>Anjo Mau</b>	1997	90%	10%		<b>20</b>
<b>As Filhas da Mãe</b>	2001	90%	10%		<b>30</b>
<b>Avenida Brasil</b>	2012	90%	10%		<b>30</b>
<b>Bebê a Bordo</b>	1988	90%	10%		<b>20</b>
<b>Coração de Estudante</b>	2002	90%	10%		<b>30</b>
<b>Esplendor</b>	2000	90%	10%		<b>20</b>
<b>Estrela Guia</b>	2001	90%	10%		<b>20</b>
<b>Hipertensão</b>	1986	90%	10%		<b>20</b>
<b>Livre Para Voar</b>	1984	90%	10%		<b>20</b>
<b>Meu Bem, Meu Mal</b>	1990	90%	10%		<b>20</b>
<b>Páginas da Vida</b>	2006	90%	10%		<b>30</b>
<b>Pátria minha</b>	1994	90%	10%		<b>20</b>
<b>Saramandaia 2ª versão</b>	2013	90%	10%		<b>30</b>
<b>Selva de Pedra - 2ª Versão</b>	1986	90%	10%		<b>20</b>
<b>Terra Nostra</b>	1999	90%	10%		<b>20</b>
<b>Ti-Ti-Ti - 2ª Versão</b>	2010	90%	10%		<b>30</b>
<b>Tieta</b>	1989	90%	10%		<b>20</b>
<b>Vamp</b>	1991	90%	10%		<b>20</b>
<b>Vida Nova</b>	1988	90%	10%		<b>20</b>
<b>Belíssima</b>	2005	90%	10%		<b>29</b>
<b>Além do Horizonte</b>	2013	89%	11%		<b>38</b>
<b>Jóia Rara</b>	2013	89%	11%		<b>66</b>
<b>Três Irmãs</b>	2008	89%	11%		<b>55</b>
<b>Andando nas Nuvens</b>	1999	89%	11%		<b>27</b>
<b>Desejo Proibido</b>	2007	88%	12%		<b>25</b>
<b>A Padroeira</b>	2001	88%	13%		<b>24</b>
<b>Rebu - 2ª Versão</b>	2014	87%	13%		<b>23</b>
<b>Caras &amp; Bocas</b>	2009	87%	13%		<b>53</b>
<b>Bang Bang</b>	2005	87%	13%		<b>30</b>
<b>Duas Caras</b>	2007	86%	14%		<b>37</b>
<b>A Favorita</b>	2008	86%	14%		<b>58</b>
<b>Alma Gêmea</b>	2005	86%	14%		<b>28</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo" (continuação da tabela).

	Ano de início	% de brancos	% de não brancos	Cor não-encontra	N de personagens
Irmãos Coragem	1995	85%	15%		20
O Fim do Mundo	1996	85%	15%		20
Pacto de Sangue	1989	85%	15%		20
Pecado Capital - 2ª versão	1998	85%	10%	5%	20
Quem é Você?	1996	85%	10%	5%	20
Roque Santeiro	1985	85%	15%		20
Uga Uga	2001	85%	15%		20
Gabriela	2012	85%	15%		26
Renascer	1993	84%	16%		25
Mulheres Apaixonadas	2003	84%	16%		31
Paraíso - 2ª Versão	2009	83%	17%		42
Viver a Vida	2009	82%	18%		61
Caminho das Índias	2009	82%	18%		33
Pedra sobre pedra	1992	82%	18%		22
Sinhá Moça - 1ª Versão	1986	81%	19%		26
Cobras e Lagartos	2006	80%	20%		30
Força de Um Desejo	1999	80%	20%		20
O Clone	2001	80%	20%		30
Sabor da Paixão	2002	80%	20%		30
Salsa e Merengue	1996	80%	20%		20
Sinhá Moça - 2ª Versão	2006	80%	20%		25
A Lua me Disse	2005	79%	21%		29
Cheias de Charme	2012	79%	21%		33
Geração Brasil	2014	78%	22%		27
Meu Pedacinho de Chão	2014	77%	19%	4%	26
Aquele Beijo	2011	77%	23%		30
Celebridade	2003	77%	23%		30
Salve Jorge	2012	77%	23%		30
Araguaia	2010	76%	24%		29
Cama de Gato	2009	73%	27%		48
Da Cor do Pecado	2004	72%	28%		29
Felicidade	1991	70%	30%		20
Lado a Lado	2012	65%	35%		20
<b>MÉDIA</b>		<b>91,3%</b>	<b>8,6%</b>	<b>0,1%</b>	<b>4.303</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".

A lista contida na **Tabela 1** também permite perceber que, além de estarem incrivelmente sub-representados na média, os personagens pretos e pardos raramente ultrapassam o patamar de 30% do elenco principal das novelas. Apenas em duas novelas (*Felicidade* e *Lado a Lado*) essa proporção ultrapassou esta marca. Ou seja, além de estarem sub-representados na média geral, os

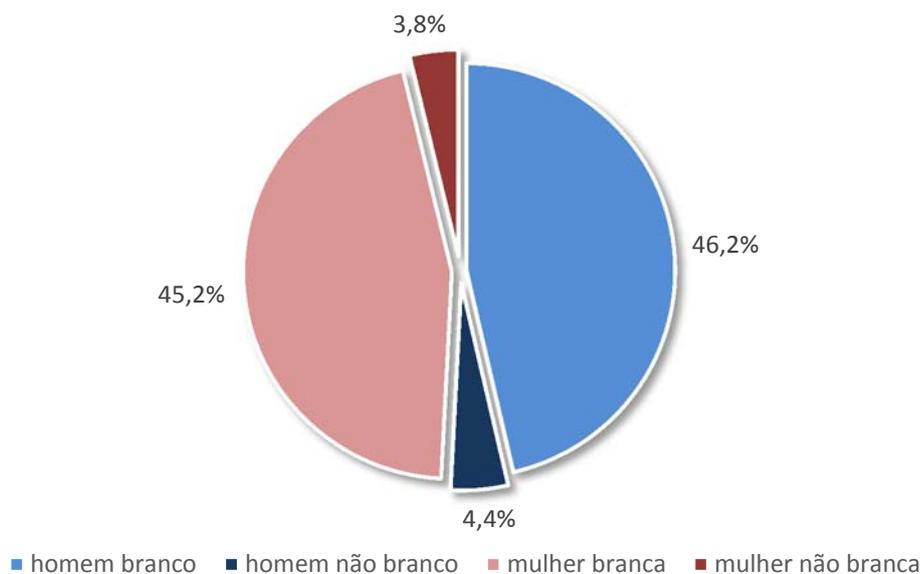
personagens pretos e pardos estão significativamente sub-representadas em todas as novelas da Rede Globo entre 1984 e 2014.

A partir dessa lista, é possível antever outra característica da desigualdade racial na teledramaturgia. Grande parte das novelas que apresentam uma quantidade relativa de pretos e pardos maior que a média foi, também, protagonizada por atores/atrizes não-brancos. Mas do que um caso fortuito, essas novelas quase sempre representam esforços intencionais da emissora em produzir peças televisivas mais diversas. Esse é o caso de, por exemplo, *Da cor do pecado*, primeira novela “global” protagonizada por uma atriz negra (Taís Araújo), *Lado a Lado* (protagonizada por Camila Pitanga); *Cheias de Charme* e *Geração Brasil*, igualmente protagonizadas por Taís Araújo. Ou seja, a falta de personagens pretos e pardos só parcialmente sanada quando há intenção clara da emissora de “mostrar” essa fatia da população.

A presença de atores pretos ou pardos no rol dos protagonistas é ainda mais exígua. Segundo o levantamento, 92% dos protagonistas foram brancos contra apenas 8% pretos ou pardos. Ao todo, apenas onze novelas foram protagonizadas por atores e atrizes pretas ou pardas: *Viver a Vida*, *Cheias de Charme*, *Da Cor do Pecado* (Taís Araújo); *Cama de Gato* (Camila Pitanga e Marcos Palmeira); *Kubanacan* (Marcos Pasquim); *Porto dos Milagres* (Marcos Palmeira); *Meu Bem, Meu Mal*; *O Salvador da Pátria* (Lima Duarte); *Gabriela 2ª edição* e *Caminho das Índias* (Julyana Paes); *Lado a Lado* (Camila Pitanga). Há que se notar aqui a repetição dos atores e atrizes, o que mostra o diminuto número de atores e atrizes pretos ou pardos com destaque no mundo da telenovela. Taís Araújo foi protagonista em três telenovelas, Camila Pitanga, Juliana Paes, Marcos Palmeiras e Lima Duarte o foram em duas, cada um. É preciso também relembrar a posição conservadora de nosso método de classificação, pois atores como Juliana Paes, Marcos Palmeiras, Marcos Pasquim e Lima Duarte, devido às suas características fenotípicas, podem muitas vezes ser percebidos, ou “passar”, como brancos. Se eles tivessem sido excluídos do grupo não-branco, a representatividade de pretos e pardos em papéis de protagonismo ficaria restrita a duas atrizes: Camila Pitanga e Taís Araújo.

Essas desigualdades raciais na formação dos elencos permanecem constantes quando observamos a intersecção entre cor e sexo. Conforme indica o **Gráfico 2**, homens brancos correspondem a 46,2% dos elencos, enquanto mulheres brancas perfazem 45,2%. Já homens não brancos respondem apenas por 4,4% dos elencos, enquanto mulheres não brancas por 3,8%:

**Gráfico 2:** Percentual médio de atores conforme a cor e o sexo (1984-2014).



Ainda que em todos os estratos de cor, homens estejam sobrerrepresentados, tal vantagem numérica é leve. Historicamente, as novelas se constituíram como um gênero televisivo voltado para o consumo feminino e privilegiando suas relações amorosas. Por conta disso, a proporção de mulheres nos elencos costuma ser próxima à dos homens, como o gráfico acima atesta. Isso está bem longe, no entanto, de uma igualdade simbólica, haja vista que os papéis interpretados por mulheres e homens costumam obedecer a estereótipos tradicionais de gênero, algo que, infelizmente, os dados desta pesquisa não permitem captar. Apesar disso, a conclusão geral é que as desigualdades na representação dos grupos raciais costumam ser similares dentro de cada grupo sexual, ou seja, não brancos severamente sub-representados.

## Contexto geográfico-histórico

No rol de novelas “menos brancas” há também aquelas ambientadas em espaços considerados subalternos, seja na geografia do país ou no ambiente urbano, como *Salve Jorge*, cuja locação fundamental foi uma favela carioca; *Araguaia*, ambientada nas margens do rio homônimo; *Cama de Gato*, inicialmente ambientada nos Lençóis Maranhenses. De fato, a distribuição das personagens não brancas no corpus total parece obedecer uma certa divisão das regiões do país, como indica a **Tabela 2**. Há maior probabilidade das novelas com maior número de pretos e pardos se situarem nas regiões Norte e Nordeste do país, seguidas da região Centro-Oeste e de novelas ambientadas em outros países:

**Tabela 2:** Percentual médio de personagens não brancos de acordo com a região onde a novel se passa predominantemente (1984-2014)

	N de novelas	% médio de não brancos
Região norte	5	12,18
Região nordeste	15	11,7
Região centro-oeste	4	10,36
Outro país	37	9,5
Região sudeste	122	8,55
Não especificada ou fictícia	19	8,44
Região sul	8	7,04
<b>TOTAL</b>	<b>162</b>	<b>8,62</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal “Memória Globo”.

É curioso notar a posição da região Sudeste nessa “geografia televisiva”. Ainda que 75% das novelas realizadas pela Globo no período se passem na região Sudeste, ela é a segunda com a menor proporção de não brancos, à frente apenas da região sul. Pode-se argumentar que, de fato, a população preta e parda do Brasil se distribui de modo desigual nas cinco regiões e que, por isso, a hierarquia apresentada na **Tabela 2** espelha estas diferenças na composição demográfica do país. Não deixa de ser curioso, contudo, que a região Sudeste apareça nesse ranking como mais branca que as novelas que se passam em outros países. Levando em conta as novelas que se passaram em grande parte em outros países, a região Sudeste aparece com um percentual menor de não brancos do que a média do grupo de 20 novelas ambientadas na Europa, que é de 9,18%. Ou seja, as telenovelas Globais não somente representam a região Sudeste como uma majoritariamente branca,

mas como mais branca que a própria Europa. Por fim, é importante notar que a taxa de não brancos das novelas ambientadas no Sudeste, 8,55% dos personagens é muito inferior porcentagem deste grupo na população da região, cuja média de aproxima da média nacional de 51% de não brancos.

Algo semelhante se passa com a distribuição de pretos e pardos pelos diferentes espaços sociais. Novelas ambientadas em favelas ou cortiços tendem a ter uma média de personagens não brancos bastante elevada (18,42%). Em seguida, os pretos e pardos aparecem relativamente mais em novelas que se passam no Campo e/ou em grandes propriedades rurais. As novelas que se desenrolam basicamente em espaços urbanos são, todavia, majoritariamente brancas, como indica a **Tabela 3**:

**Tabela 3:** Percentual médio de personagens não brancos de acordo com o localização predominante da novela (1984-2014)

	N de novelas	% médio de não brancos
Favela ou cortiço	11	18,42
Grande propriedade rural	17	12,24
Campo	38	10,54
Bairro de luxo	65	8,17
Periferia ou subúrbio	50	7,69
Mundo fictício	27	7,55
Espaço urbano	35	6,62
Praia	7	6,16
Pequena propriedade rural	8	6,06
<b>TOTAL</b>	<b>162</b>	<b>8,62</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".

No que se refere ao período histórico, nossos dados corroboram as conclusões de outros levantamentos similares (Grijó e Sousa, 2012). As personagens não brancas costumam ter uma presença relativa maior no elenco das novelas ambientadas no Brasil Colônia e no Império, cuja a média de personagens pretos e pardos atinge 18,48%. Em segundo lugar, aparecem as novelas ambientadas no Estado Novo, nas décadas de 1960 e 1970, e no presente. Nesses três cortes temporais, a média de não brancos na trama central das novelas se aproxima da média de não brancos nas novelas em geral. Curiosamente, são nas novelas ambientadas nas décadas de 1980 e 1990 em que há a menor participação de não brancos, conforme indica a **Tabela 4**:

**Tabela 4:** Percentual médio de personagens não brancos de acordo com o período histórico em que a novela foi ambientada (1984-2014)

	<b>N de novelas</b>	<b>% médio de não brancos</b>
<b>Presente</b>	59	10,74
<b>Década de 90</b>	49	6,4
<b>Década de 80</b>	34	6,15
<b>Década de 60-70</b>	9	9,29
<b>Estado Novo e II República</b>	16	7,55
<b>República Velha</b>	8	10,42
<b>Império e Colônia</b>	6	18,48
<b>Outro</b>	4	10,71
<b>TOTAL</b>	<b>162</b>	<b>8,62</b>

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".

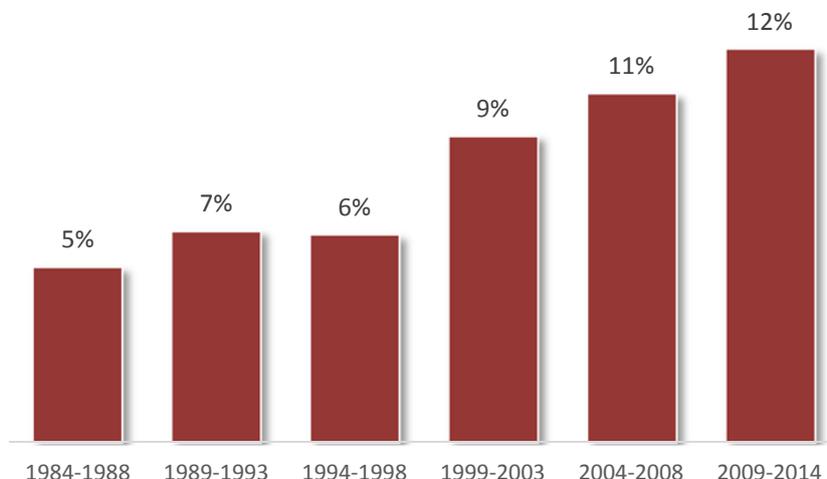
Esses dados sugerem que as novelas que se passam no período em que ainda havia escravidão no país (Brasil Colônia e Império) tendem a apresentar relativamente mais personagens pretos e pardos. Essa "visibilidade", contudo, decresce na medida em que o tempo avança, e só volta a crescer de forma significativa na transição para o século XXI. Tal distribuição temporal parece refletir uma concepção de nação muito próxima à ideologia da democracia racial, que se tornou dominante em nosso país entre os anos 1930 e 1980. Nesse imaginário, o negro teve presença marcante durante todo o período de "formação" do povo brasileiro, isto é, na Colônia e no Império. Depois disso, o imaginário de um povo híbrido inviabiliza a negritude em nome de um país que se diz mestiço, mas que, na verdade, se pensa em acelerado processo de embranquecimento. Ao termo, a mestiçagem funciona como um imaginário de invisibilização da negritude, a qual só representada em referências a um passado que se crê superado.

Em conjunto, esses dados refletem uma certa narrativa nacional, que considera a negritude um fato do passado e próprio das esferas "atrasadas" do espaço social, como o campo e as favelas. Contra esses espaços está a cidade moderna e sudestina das décadas de 1990, na qual se ambientam as novelas que não se preocupam em tematizar a questão racial e, como resultado, se tornam majoritariamente brancas.

É preciso reconhecer, contudo, que a Rede Globo de Televisão vem envidando esforços para aumentar a diversidade em sua programação. Novelas como *Viver a Vida*, *Da Cor do Pecado* e *Lado a Lado* foram patrocinadas pela emissora, ao

menos nominalmente, com esse intuito. Só neste ano, que ainda não foi incluído na nossa base de dados, uma novela foi lançada com uma protagonista e boa parte do elenco composto por atores e atrizes pretas e pardas (*Babilônia*) e dois seriados com a mesma característica (*O Sexo e as Nêgas* e *Mister Brau*). Mas embora nossos dados sejam sensíveis a essa reorientação da emissora, eles também revelam a timidez de seus esforços. Dividindo o período analisado em seis partes, percebemos que o percentual de personagens não brancos de fato aumentou, mas como o patamar inicial na década de 1980 era muito baixo (5%, em média), o patamar do último quinquênio, 12%, é ainda bastante tímido se levarmos em consideração a proporção de não brancos na sociedade brasileira ou na Região Sudeste. Se o crescimento da proporção de pretos e pardos nas novelas continuar à mesma taxa média observada no período analisado demoraríamos mais 120 anos para atingir a proporção populacional de 51%.

**Gráfico 3:** Percentual médio de atores e atrizes não-brancos em cada período entre 1984 e 2014.



Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".

## Autores e Diretores

Nenhum dos escritores ou diretores principais das novelas computadas foi considerado pardo ou preto. Isso indica que, apesar de alguns tímidos esforços da emissora em pluralizar o elenco de suas novelas, o mesmo não vale para a produção. Como se sabe, os escritores e diretores das novelas da Rede Globo tem

um papel que vai muito além da formulação e condução das narrativas dramáticas. Eles também participam da escolha dos protagonistas e de boa parte do elenco, além de opinarem sobre detalhes que vão da locação ao figurino das novelas. Portanto, do ponto de vista da distribuição de prestígio e poder, a hegemonia de produtores (escritores e diretores) brancos é ainda mais aguda do que a de atores brancos em relação a pretos e pardos.

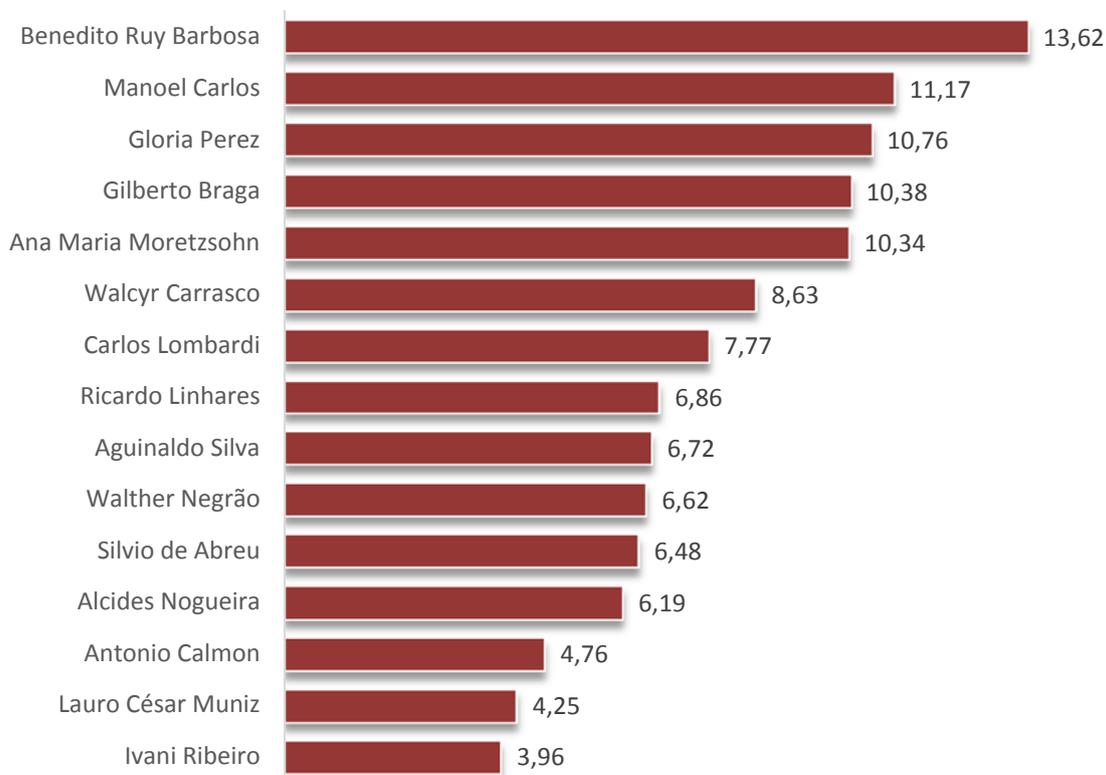
Essa avaliação não pressupõe que produtores pretos e pardos tenderiam a dar mais espaço para personagens e/ou temáticas relacionadas a essas populações. É plenamente possível conjecturar uma produção dramática com maioria não branca, escrita e/ou dirigida por brancos. Ainda assim, é razoável supor que a experiência vivida por não brancos, em uma sociedade que opera discriminações e preconceitos baseados em percepções raciais, seria representada de um modo mais complexo se os produtores dessas narrativas tivessem algum contato com ela (Young, 1990).

Para além dessas questões, há que se notar, também, que a participação de pretos e pardos nas novelas varia consideravelmente de acordo com o nome de quem a assina. No **Gráfico 4**, temos a lista dos autores principais que escreveram oito ou mais novelas para a Rede Globo, entre 1984 e 2014, e a proporção média de não brancos em suas novelas. Nesse quesito, as novelas de Benedito Ruy Barbosa se destacam das demais, tendo em média 14% de não brancos. Isso se explica, em grande medida, pela preferência do autor em escrever narrativas sobre a vida rural, que envolvem a vida de migrantes<sup>6</sup>. Há que se notar, também, o papel do escritor na adaptação à televisão de obras icônicas formadoras da concepção da brasilidade em formação, rural e mestiça.

---

<sup>6</sup> <http://www.terra.com.br/exclusivo/noticias/2002/06/14/023.htm>

**Gráfico 4:** Percentual médio de atores e atrizes pretos ou pardos de acordo com o escritor principal da novela (1984-2014)\*



Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".

\* Apenas os escritores com 8 ou mais novelas produzidas.

Em segundo lugar, está Manoel Carlos, com uma média de 11% de atores e atrizes pretos ou pardos. É curioso notar que as novelas deste escritor, frequentemente focadas nos dilemas amorosos e cotidianos das elites brasileiras, foram mais de uma vez criticadas pela ausência de personagens negros (citar). Mas no mínimo desde de *Por Amor* (1997), novela assinada por Manoel Carlos e que abordou a temática racial em um de seus núcleos<sup>7</sup>, é possível perceber que escritor opta por representar ao menos alguns núcleos com personagens não brancos. Essa preocupação atinge seu momento mais evidente em *Viver a Vida* (2009), primeira novela de Carlos protagonizada por uma atriz negra, Taís Araújo. Curiosamente, porém, *Viver a Vida* se tornou alvo de crítica justamente por não tematizar a

<sup>7</sup> Nessa novela, o personagem branco interpretado pelo ator Paulo César Grande recusa se casar com a personagem negra interpretada pela atriz Maria Ceíça.

questão racial, a despeito da cor de sua protagonista.<sup>8</sup> Em terceiro lugar no gráfico, aparece a escritora Gloria Perez, com uma média de 10% de não brancos em suas novelas, proporção próxima da média geral de atores não brancos. Essa média sofre o impacto das telenovelas da autora, ambientadas fora do país como *O Clone* e *Caminho das Índias*, e telenovelas que se passam em favelas ou na periferia (*Partido Alto* e *Salve Jorge*). Dentre os autores e autoras que deram menos espaço para personagens não brancos, estão Ivani Ribeiro, Lauro César Muniz e Antonio Calmon, todos com produções concentradas nas décadas de 1980.

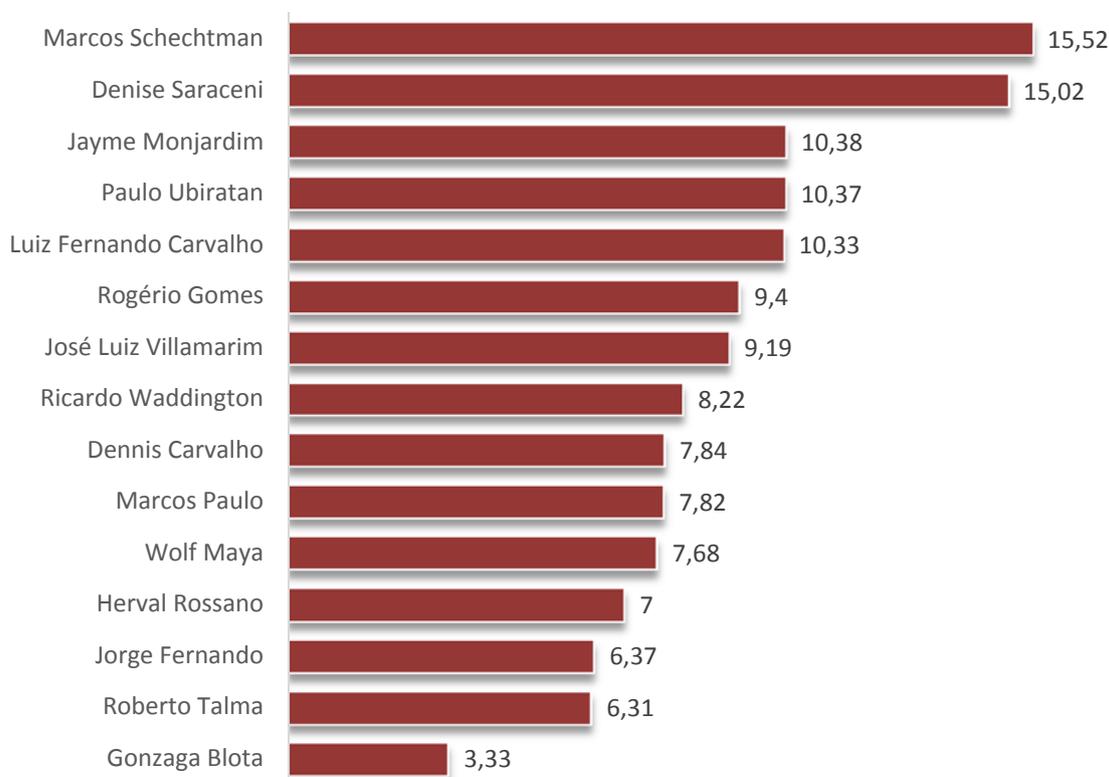
De modo análogo ao **Gráfico 4**, o **Gráfico 5** apresenta o percentual médio de atores e atrizes não brancas de acordo com o diretor ou diretora da novela. Como é possível perceber, dois nomes se destacam nesse quesito: Marcos Schechtman e Denise Saraceni. O primeiro foi diretor principalmente de novelas ambientadas em outros países (*O Clone* e *Caminho das Índias*), no interior do Brasil ou em periferias (*Araguaia* e *Salve Jorge*). Já Saraceni foi a responsável pela direção da maior parte das novelas que tematizaram a questão racial e/ou optaram por conceder a posição de protagonista a atrizes ou atores não brancos. Alguns exemplos são *Da Cor do Pecado*, *Geração Brasil* e *Cheias de Charme* (as três com Taís Araújo dentre as protagonistas) e *O Salvador da Pátria* (protagonizada por Lima Duarte). Já dentre os diretores que menos deram espaço para atrizes e atores pretos ou pardos, destacam-se Gonzaga Blota e Roberto Talma, dois nomes vinculados, novamente, a produções da década de 1980.

---

<sup>8</sup> Esse fato foi notado e atacado até mesmo por um dos colegas de profissão de Manoel Carlos: Aguinaldo Silva. Em uma entrevista, Silva criticou o fato de que sua protagonista ignorava tematizar a questão racial: “O que falta à personagem é o componente racial. Você não pode ter uma atriz negra na novela como se fosse uma branca” (cf.

<http://gente.ig.com.br/materias/2009/11/10/aguinaldo+silva+critica+helena+negra+de+manoel+carlos+falta+a+ela+o+componente+racial+9055969.html> <Consultado em 22 de Outubro de 2015>)

**Gráfico 5:** Percentual médio de atores e atrizes pretos ou pardos de acordo com o diretor principal da novela (1984-2014)\*



Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal "Memória Globo".  
\* Apenas os diretores com 5 ou mais novelas produzidas.

## Conclusões

O objetivo deste *Texto para Discussão do GEMAA* foi mensurar a histórica sub-representação dos pretos e pardos nas novelas da Rede Globo de Televisão e indicar alguns limites nos processos de mudança desse cenário. Embora pareça haver um esforço da emissora em diversificar o elenco desses programas, a média de personagens não brancos neles ainda é bem distante da representatividade desse contingente na população nacional. Os brancos representam cerca de 91,3% dos atores e atrizes das novelas levadas ao ar nos últimos trinta anos, percentual ainda bem próximo daquilo que Joel Zito Araújo chamou de "estética sueca da TV brasileira" (Araújo, 2000). Ademais, mesmo nos casos em que pretos e pardos se fazem minimamente presentes, eles são escalados para novelas sobre temas que costumam reproduzir imagens clichês e estereotipadas deles como escravos, caipiras, favelados, pobres, pessoas do campo etc.

Nenhum dos escritores ou diretores principais das novelas computadas foi considerado pardo ou preto. Isso indica que, apesar de alguns tímidos esforços da emissora em pluralizar o elenco de suas novelas, o mesmo não vale para sua produção. Como se sabe, os escritores e diretores das novelas da Rede Globo têm um papel que vai muito além da formulação e condução das narrativas dramáticas. Mais do que isso, eles participam da escolha dos protagonistas e de boa parte do elenco, além de opinarem sobre detalhes que vão da locação ao figurino das novelas. Portanto, a hegemonia de produtores (escritores e diretores) brancos é, talvez, mais grave do que a sub-representação de atores pretos e pardos.

Como nosso levantamento indica, as novelas da Globo constituem espaços de branquidade, nos vários sentidos do conceito (Hill, 1997). De fato, os brancos estão no poder, real, na figura de escritores e diretores, e simbólico, na sua forte dominância em papéis de protagonismo. De maneira complementar, aos não brancos são relegadas posições subalternas, marginais e estereotipadas. Cabe notar que mesmo quando são colocados em papéis de protagonistas, os atores selecionados são majoritariamente mais claros, ou seja, quase brancos. Por fim, a sobre-representação de brancos em novelas que pretendem representar o “povo brasileiro” ou a população do sudeste, mesmo se comparadas a novelas que representam a Europa, da mesma emissora, demonstram como o padrão branco é imposto de maneira sub-reptícia por meio desses bens culturais.

## Referências

- Araújo, Joel Zito de. (2000), *A negação do Brasil: identidade racial e estereótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira*. São Paulo, Editora SENAC.
- Bastos, João Luiz; et al. (2008), "Diferenças socioeconômicas entre autotaxação e heterotaxação de cor/raça". *Revista de Saúde Pública*, vol. 42, pp. 324-334.
- Grijó, Wesley e Sousa, Adam Henrique. (2012), "O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações". *Estudos em Comunicação*, nº 11, pp. 185-204.
- Hill, Mike. (1997), *Whiteness : a critical reader*. New York, New York University Press.

Muniz, Jerônimo O. (2012), "Preto no branco?: mensuração, relevância e concordância classificatória no país da incerteza racial". *Dados*, vol. 55, nº 1, pp. 251-282.

Salvatore, Ricardo Donato. (2006), *Imágenes de un imperio : Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana.

Silva, Nelson do Valle. (1999), Morenidade: modos de usar, *in* Hasenbalg, Carlos, Silva, Nelson do Valle e Lima, Márcia (orgs.), *Cor e Estratificação Social*. Rio de Janeiro, Contra Capa, pp. 86-106.

Young, Iris Marion. (1990), *Justice and the politics of difference*. Princeton, N.J., Princeton University Press.

## Como citar

Campos, Luiz Augusto & Feres Júnior, João. Televisão em cores? Raça e sexo nas telenovelas "Globais" dos últimos 30 anos. *Textos para discussão GEMAA*, n. 10, 2015, pp. 1-23.